

Há Tempo Atento ao Tempo¹

Ana Zavadil*

“Meu tema é o instante? Meu tema de vida. Procuo estar a par dele, divido-me milhares de vezes, em tantas vezes que os instantes que decorrem, fragmentária que sou e precários os momentos – só me comprometo com a vida que nasce com o tempo e com ele cresce, só no tempo há espaço para mim.” Aqui e Agora – Clarice Lispector

O projeto *Há Tempo Atento ao Tempo* apresenta os últimos oito anos de trabalho do artista Leandro Selister, em que ele nos proporciona, fracionado, quadro a quadro, o tempo em sua obra. As séries de fotografias são o resultado de suas indagações em relação à passagem do tempo, registrado em percepções sutis da natureza e das coisas a sua volta.

O tempo, discutido por filósofos e estudiosos, é inapreensível por nós em sua totalidade: o tempo cronológico, o tempo do sol, o tempo dos relógios, o tempo da natureza; o tempo sem medida, amplo e intermitente, porém sem retorno, sempre causou perguntas e fez aflorar sentimentos e questões sobre o ser no mundo. O tempo de existir em um mundo em situação de impermanência para quem a eternidade nada mais é do que sonho e/ou fardo. O tempo que leva tudo e que nos instiga a reflexões, o que podemos capturar desse fluxo contínuo: lembranças, memórias, momentos, instantes? O tempo está no vazio, no nada, na continuidade, nos vestígios. O tempo nos olha e nos induz a pensar: somos nós que o habitamos ou ele que nos habita? Ele leva tudo o que nos pertence e a nós mesmos, permeando a nossa existência de perguntas sem respostas. Como o rio de Heráclito, em seu fluxo contínuo, escoo do passado para o futuro e nos arrasta em suas águas de incertezas, de fragilidades e de impermanência.

Não é nosso intuito, neste texto, aprofundar reflexões filosóficas acerca do tempo, pois a complexidade dos conceitos demanda estender esse assunto para além do

¹ Exposição individual realizada na Galeria de Arte da ESPM em POрто Alegre em 2010. Texto crítico para o livro que foi lançado na abertura da exposição.

que desejamos nos reportar, mas queremos trazer autores que pensaram sobre o tempo para contribuir sobre o assunto dentro de nossa contemporaneidade e, principalmente, em relação à obra de Selister. O nosso conhecimento absorve a noção de tempo como linear, que se move do passado para o futuro, em único sentido, em que a sua grandeza não pode ser medida, mas não temos certeza de que isso seja verdade. Por essa razão muitos foram os filósofos que tentaram compreendê-lo e formarem opiniões diferentes a seu respeito. O tempo constitui-se em um dos conceitos mais importantes de nossa época.

Em estudos sobre o conceito de tempo em Deleuze, verificamos que esse filósofo o desenvolve baseado no conceito de diferença. O tempo para ele é “múltiplo, caótico e policrônico”, segundo Pelbart:

“[...] Em Deleuze, ao invés de uma linha de tempo, temos um emaranhado de tempo; em vez de um fluxo de tempo, veremos surgir uma massa de tempo; em lugar de um rio de tempo, um labirinto do tempo. Ou ainda, não mais um círculo de tempo, porém um turbilhão, já não uma ordem do tempo, mas uma variação infinita, nem mesmo uma forma do tempo, mas um tempo informal, plástico. Com isto, estaríamos mais próximos, sem dúvida, de um tempo de alucinações do que de uma consciência do tempo.” (PELBART, 2004 apud MENDES, 2007, p.1.)

A investigação filosófica de Deleuze está calcada na diferença, já que, irreduzível ao idêntico, ela é resistente à duplicação deste. Portanto, ela é tempo. A filosofia deleuziana envolve dois pontos essenciais: a univocidade do ser, um só ser para todas as formas e vezes; e o devir, em que nada é igual, e “tudo se banha em sua diferença”, visto que o tempo arrasta tudo em seu curso. (Deleuze apud Castro, 2007, p.146) Deleuze pensa o ser como devir, porque ele é tempo no eterno retorno da diferença, em que a realidade produz sempre o novo.

Deleuze chama a atenção para a introdução do conceito de tempo no pensamento por meio de Kant, o criador do conceito de tempo puro, pois este, até então era derivado do movimento e, assim, ele fez do tempo e do espaço formas de sentir. [...] o tempo já não é mais o tempo cósmico do movimento celeste originário nem o tempo rural do

movimento meteorológico derivado. Torna-se o tempo da cidade e nada mais, a pura ordem do tempo. (Deleuze, 1988 apud Castro, 2007, p.150)

O texto *A Nau do Tempo-Rei* explora a questão do tempo no mundo da loucura. Segundo o autor, o tempo no capitalismo era empregado como “tempo é dinheiro”. Nos últimos anos, essa questão se transfigura apontando outro caminho: não é mais no sentido de ganhar, mas de abolir o tempo. Pélbart, afirma que:

O ideal tecnocientífico contemporâneo consiste em absolutizar a velocidade a ponto de dispensar o próprio movimento no espaço, anulando assim não só a geografia e o tempo de duração desse deslocamento, mas a própria idéia de espaço, de tempo e de duração. É o ideal do tempo zero e da distância zero.[...] O instante sem duração uma espécie de eterno presente, sem espessura...[...] A ordem agora é habitar a velocidade absoluta no instante contínuo da emissão. (PELBART, 1993, p.33)

O homem em seu sonho demiúrgico pretende hoje, segundo ainda o autor, “[...] um achatamento temporal que proporciona um presente eterno, sem história para trás nem para frente, sem passado nem futuro. Presente sem espessura, ilusão da imortalidade que ignora o começo e o fim.” (Pelbart, 1993, p. 64)

No grego antigo, encontramos dois tipos de tempo: o *aion* e o *kairos*, segundo Jean Ouy, o primeiro “é esse presente que faz jorrar de dentro de si o tempo”, e o segundo “é o momento adequado, o bom momento para decidir e fazer” (Ouy, 1977 apud Pelbart, 1993, p. 35) e esse ponto de coincidência, de onde pode surgir uma forma, um projeto, Pelbart afirma sobre esse tempo de criação, momento para decidir e fazer, o *kairos*:

[...] Do dar tempo e paciência para que o tempo e a forma brotem a partir do informe e do indecيدido. O desafio é propiciar as condições para um tempo não controlável, não programável, que possa trazer o acontecimento que nossas tecnologias insistem em neutralizar. [...] poder acolher o que não estamos preparados para acolher, porque este novo não pode ser previsto nem programado, pois é da ordem do tempo em sua vinda, e não

em sua antecipação. É quase o esforço inimaginável, não da abolição do tempo, mas de sua doação. Não libertar-se do tempo, como quer a tecnociência, mas libertar o tempo, devolver-lhe a potência do começo, a possibilidade do impossível, o surgimento do insurgente. Trata-se aí de um tempo que escaparia à presença, à presentificação, à continuidade, dando lugar a outras aventuras temporais.” (PELBART, 1993, p.36)

Podemos pensar no tempo que nos é dado por Selister na mágica captura dos seres e das coisas a sua volta, em que tudo se congela, nele o artista reivindica outro tempo: o da espera, em que cada minuto ou segundo é precioso e revelará algo de muito importante em seu processo artístico. Ele pode nos dar a vida ou a morte em um tempo lentificado, em que o desabrochar e o murchar de uma flor não é percebido por nós, a não ser através de suas lentes que tangenciam o finito por meio do tempo infinito. A repetição, o eterno retorno da diferença, o *kairos*, que representa o bom momento de decidir e fazer, são aproximações que vamos encontrar em sua obra.

As instigantes séries trabalhadas por este artista, como o autorretrato, obra em que a imagem de seu rosto aparece repetidamente voltada em diferentes direções, indica a sua admirável capacidade de organizar uma narrativa poética se contrapondo em relação ao tempo. No início do livro, está o seu autorretrato, feito em 2001, e no final a mesma série refeita há poucos dias. Ele, no início e no fim, tentando manter as mesmas direções do olhar. A obra é absorvida em câmera lenta, desvelando o passar do tempo lento de uma imagem a outra; expressando o oposto do ritmo da vida urbana, em que o tempo cotidiano se apresenta fragmentado, multifacetado e com uma multiplicidade de sentidos, passando como em um sopro em nossas vidas. As séries de imagens em duas épocas distintas, 2001 e 2011, é a prova irrefutável de que o tempo, tão explorado por ele, também lhe deixou as marcas de sua passagem.

As outras obras que fazem parte deste projeto denotam a linguagem refinada das séries fotográficas, por meio das quais Selister nos faz perceber a passagem incondicional do tempo, estruturando as sequências que indicam situações vivenciadas e registradas através de sua máquina Sony Mavica FD85, a primeira máquina comprada por Selister em 2000. Hoje, ele trabalha com a Sony Alpha 300 de 10 megapixels; no

entanto, ele não aumentou o tamanho das imagens, continuando a usar fotos pequenas na apresentação dos trabalhos. Ou seja, se quisesse, poderia continuar usando a Mavica, só não o faz pela agilidade de captar as imagens com a máquina nova e recursos melhores de lente e objetiva, pois a primeira era com disquete e 1,3 megapixel, que hoje está totalmente obsoleta em razão da tecnologia crescente, mas que lhe serviu muito bem aos seus propósitos e, em função, disso assumiu os pequenos formatos que mantém nos trabalhos atuais. Em verdadeiros rituais, o seu processo envolve extrema paciência e dedicação. O desafio renova-se em cada série, a cada dia, nas diferentes horas e segundos que marcam a diferença entre a captura de uma e outra imagem; quando o artista fotografa uma flor no seu ciclo de vida e morte; em um pássaro chocando seus ovos e alimentando seus filhotes por meses; no alvorecer e no anoitecer registrado de um mesmo lugar (preferencialmente da janela de sua casa) com os mesmos intervalos de tempo ou na exuberância dos ciclos das estações do ano.

O tempo que transcorre rápido demais, fora desses acontecimentos, é reinventado por Selister no momento em que congela as imagens, uma a uma, no sentido de transcendê-lo.

As suas séries, que assinalam o tempo capturado em quadros, nos possibilitam um novo olhar sobre o nosso cotidiano, e ao artista, um observador obstinado das ações e emoções do dia a dia, de guardar as imagens em experiências únicas, indizíveis e questionadoras sobre o sentido da existência e da vida.

Leandro Selister é um poeta do tempo e o modifica sem perder-se nele. Inscreve as imagens ou enquanto espera para fazê-lo, no pulsar dos pequenos acontecimentos dentro de um tempo finito, imensurável, se comove. O artista, que nos ensina a olhar através do jogo de imagens a dimensão e a complexidade do tempo, resignifica o sentido das coisas simples que têm o poder de nos transformar em seres mais sensíveis e capazes de entender o fluxo ininterrupto deste tempo e a nossa fragilidade diante da vida. “As coisas nos olham.” A frase de Paul Valéry (2003, p.125) nos chama para outra realidade, para que nos afinemos a ela sem nos deixarmos impregnar pelas imagens que passam pela nossa sensibilidade engessada e refletirmos sobre o nosso redor.

Nesse conjunto apresentado pelo artista e no contexto escolhido por ele, cada imagem nos fala do visível e do invisível em uma leitura linear, de linguagem coerente o bastante para que possamos sentir a sua construção do tempo e do espaço.

Leandro Selister constrói a sua identidade congelando o tempo e todas as suas qualidades transitórias, ou seja, o efêmero e o transitório como *locus* em sua arte. A sua obra é tocante, porque forma e conteúdo nos dizem tanto sobre o estado de efemeridade a que somos constantemente arremessados.

As primeiras séries remetem a pequenas coisas do cotidiano, como o descongelar de uma geladeira, em que o gelo transforma-se em água; o escorrer do tempo que foi registrado, sem o artista ter ainda a consciência de que isso se constituirá no marco de sua intensa e metódica busca pelo congelar do tempo, já que as imagens vão guardá-lo intacto, imóvel.

O café da manhã, outro ato trivial, vira a segunda série de registros tomados em intervalos de tempos. E, assim, sua busca extrapola os limites de sua casa para locais bem próximos ainda, observados de sua janela, ou de outras janelas. Janelas para o mundo, como frestas por onde se olha o tempo, e por onde ele também nos olha. [...] devemos fechar os olhos para ver quando o ato de ver nos remete a um vazio que nos olha. Assim disse Didi-Hubermann, (1998, p. 31) no seu livro *O Que Vemos o Que Nos Olha*, e somos olhados e capturados por esse tempo e, também, quadro a quadro ele nos guarda em sua memória.

As séries que mais tocaram nosso poeta do tempo, com certeza, foram as das flores, pois estas sempre tiveram o seu carinho, a sua guarda para serem registradas no seu desabrochar e na sua morte. Enquanto ele espera durante 30 dias esse ciclo evolutivo (da flor-estrela), aproxima-se desse ser, dialoga com ele, vive a sua beleza com alegria e se comove com os acidentes de percurso e com a tristeza de seu apagamento. Escreve seu pequeno diário, faz poesia e tem respostas, ora boas, ora agoniantes em sua espera. Verdadeiro trabalho de paciência. Esperar a lentidão da flor abrindo-se. Aqui o tempo é lento em contraponto às loucuras que nesse mesmo momento acontecem na rua. Aqui, ele tem outra dimensão, e, nesse exato momento, o artista parece vencê-lo, pura ilusão, mas ainda assim gratificante. O nosso poeta está ali, aguardando a flor abrir, guardião incansável das pequenas coisas a sua volta. Ainda bem que ele faz isso, captura instantes mágicos para nos dar de presente. A cumplicidade dessas plantas faz o momento mais intenso ainda. Elas sabem que ele está ali, esperando...esperando...e elas ensinam sobre a vida e sobre a morte, opostas e tão

intensas, 30 dias apenas. No livro, junto com as imagens, vamos encontrar dois textos e um poema feitos enquanto almeja o florescimento. Momento singular, perfeito!

E, dessa forma, ele capturou pores do sol, árvores, pássaros, nuvens e flores, muitas flores...sempre em incansável observação, em intervalos de tempo de segundos, minutos, horas, dias, tendo que se deixar levar pela serenidade do momento, de cada momento imprescindível para registrar um fato. O silêncio e a calma tiveram que ser respeitados, nada de ansiedades ou pressa, qualquer erro e tudo estava perdido. Às vezes, ficava sem poder se afastar, sem se mexer, para não perder o momento mágico! Autênticos rituais que nos são dados através da beleza. O cansaço, a angústia, as alegrias ou as tristezas de cada série não estão visíveis. Só conseguimos ver a passagem do tempo, aliada à repetição de imagens em ciclos, em que as cores retratam sombras e sol. Para um observador menos atento, algumas insinuações podem passar despercebidas. Como na vida real, todavia, depois de sermos chamados a observar as pequenas dádivas desse artista, nos tornamos mais sensíveis às pequenas coisas e não deixaremos mais nos enganar pelo primeiro olhar. Instigados a nos voltarmos para dentro de nós, com tal intensidade que invadirá profundamente o nosso âmago. Se esse é o desejo do artista, do fotógrafo, do ser humano sensível e inquiridor das coisas da vida, então ele será atendido. Não seremos mais os mesmos após o mergulho nesse trabalho. Selister reinventou novas fórmulas para expressar seu pensamento artístico, tendo como marca a sensibilidade, em que transitam indagações e questionamentos. Ele nos arremessa a momentos de experiência pura na captura de uma imagem e na doação dessa imagem dentro de um eloquente tempo lento, desacelerado, que nos permite ver e sentir.

O processo criativo de Selister envolve um verdadeiro ritual, em que ele se dispõe a fotografar uma série de momentos que definirá um ciclo. A exemplo disso vamos pensar no registro das imagens que abarcam a existência da flor-estrela. Para acompanhar essa trajetória, realiza uma foto por dia, sem tripé, apenas olhando a foto anterior e tentando manter o mesmo enquadramento, mas tudo sem rigidez, o que importa é o registro diário. O processo é lento, cauteloso, não pode escapar o momento certo. A repetição, conceito deleuziano, está presente nesse ritual, repetir todo o dia o mesmo ato, do mesmo ponto. A singularidade para a construção de sua obra é realizada pela repetição, mas nesse ato de repetir aparece a diferença. É nesse sentido que o

conceito diz respeito à arte: a diferença que surge da repetição, a variação, e segundo Deleuze, a arte é palco de todas as repetições. Ele nos diz que:

Se a repetição existe, ela exprime, ao mesmo tempo, uma singularidade contra o geral, uma universalidade contra o particular, um relevante contra o ordinário, uma instantaneidade contra a variação, uma eternidade contra a permanência. Sob todos os aspectos, a repetição é transgressão. (DELEUZE, 1988, p.24)

Na obra de Selister, o conceito de repetição de Deleuze se faz notar, na medida em que surge, através da repetição, a variação, a diferença. Mesmo que o artista não tenha essa intenção como objetivo durante o processo, ela ocorre no decorrer deste, porque ele, em seu ato de captar as imagens de um mesmo modo e lugar acaba gerando formas idênticas no resultado final, porém com as variações que ocorrem pela transformação do ciclo de vida da flor, em que cada quadro novo mostrará uma fase de sua vida, desde o botão até a flor murcha. O processo de trabalho que propiciará uma visão do mesmo elemento sofrendo a passagem do tempo, uma vez que a diferença é tempo. A repetição aparece no sentido de eterno retorno como uma reiteração, pois o que sucede é sempre diferente do que já foi visto, o diferente pela diferença. Contudo, as obras de outros artistas podem ser retomadas a qualquer momento, não no caso de Selister, o ciclo, apesar de conter a repetição, não pode ser retomado, já que ele é único. Do desabrochar até a morte da flor, é uma série que terá início, meio e fim. Para o artista, a intensidade do desenrolar do processo é muito intensa, são segundos de muita emoção, são dias perseguindo o seu objetivo, depois o registro fica para guardar as histórias desses processos como lembrança, realização e plasticidade. O percurso é de natureza híbrida, é um emaranhado de ações e dentro delas, além do previsível, surgem os acasos e/ou os acidentes desse percurso que podem ou não ser incorporados no resultado final. Os limites do artista são postos à prova nesse procedimento criativo, uma vez que em certos instantes não tem como se afastar da flor, ela às vezes o vence ao começar a se abrir inesperadamente. A atenção mora e demora no tempo.

Cada série que será registrada tem um tempo de gestação, existe um namoro prévio com a flor, a árvore, o pôr do sol, algo que é descoberto já florescido e que precisa esperar para ter o acompanhamento na próxima estação, ou seja, um ano. Outras

vezes, basta um dia inteiro dedicado a essa aventura e assim por diante, cada caso é um caso, mas todos são um caso de amor à natureza, à beleza, à fragilidade. Cada caso diz respeito à vida em sua passagem pelo tempo.

No trabalho feito para o StudioClio, sobre as quatro estações do ano, Selister captou a imagem de um Ipê Roxo para a primavera e o verão, plátanos para o outono e o inverno. No Clio, aconteceu o inverso, já que ele levou um trabalho para a rua, chamando a atenção sobre a passagem do tempo nas formas das estações do ano e as mudanças que ocorrem nas árvores. Mais uma vez, o objetivo era chamar a atenção para o dia a dia, para a profusão da natureza, e que, por motivos óbvios, a pressa e a correria não deixam as pessoas prestarem atenção no mundo a sua volta. O trabalho chegou ao Clio na primavera e, durante um ano, gerou uma expectativa sobre o que viria depois, e muitos acompanharam a evolução do projeto. Nesse trabalho, as imagens tornam-se adesivos para cobrir as janelas do local, o que deu um colorido intenso nas janelas, e as flores e árvores pareciam brotar de dentro do espaço. Este trabalho foi muito diferente dos já realizados, pois o uso da fotografia era o resultado final e com um aspecto importante para ser pensado. As imagens são reproduzidas em tamanhos pequenos, o observador tem que se aproximar para perceber as transformações, as diferenças de uma à outra fotografia. Em algumas delas, com o horário impresso na imagem, recurso que foi utilizado para dar veracidade a elas, tendo em vista que as alterações ocorridas em poucos dias ou horas foram impressionantes. Um trabalho intimista, que leva a um escrutínio vagaroso para apreender a sua totalidade. No Clio, foi diferente. As imagens adesivadas, já com outro resultado final, eram avantajadas e de longe podiam ser observadas em sua exuberância e colorido. A percepção é outra. Quem as viu ficou no encantamento de observar uma estação do ano, e quem pôde acompanhar as quatro estações pôde tecer uma análise e aproximar-se das séries mais reflexivas, as narrativas de ciclos em suas alterações temporais. Em algumas exposições, em que aparecem essas séries, o artista sempre optou por mostrá-las em pequenos formatos, exigindo do público uma aproximação para poder ver realmente as imagens e a dedicação de um tempo maior para poder entendê-las. Todas as imagens animadas por computador poderiam ter virado pequenos filmes, mas o artista nunca teve essa intenção. A ideia é perceber que em cada foto existem pequenas mudanças, e esse tempo de atenção é o objetivo buscado por Selister. “É como desconstruir o movimento, congelando cada quadro, cada mudança, cada segundo”, diz ele. Esse chamamento é proposital, somente

se o observador se deixar envolver para adentrar na obra, ela terá seu verdadeiro objetivo atingido. O nexos interno da obra condicionará o olhante a interpretá-la. Por isso, o artista fornece todas as pistas para esse trajeto, e um olhar mais inquieto entenderá o seu real significado que nos é dado através da pura expressão dos sentimentos mais subjetivos do artista, voltado para dentro de si em constantes conflitos entre o viver e o morrer na inexorável passagem do tempo. À primeira vista, as formas repetidas, olhadas superficialmente, podem dar outra ideia, pois o colorido, a sequencialidade e mesmo a padronagem, podem representar armadilhas, simulacros da verdadeira essência do trabalho.

Os últimos trabalhos de Selister buscam abrir novas possibilidades no ato do fazer artístico em suas apropriações poéticas das coisas da natureza, preferencialmente vivas, figurativas e de fácil identificação. O seu olhar sempre atento ao tempo, acabou por perceber outras formas possíveis, que não deixam de estar submetidas ao tempo, porém não identificáveis. São sombras em paredes submetidas à luz do sol criando imagens únicas, belas e indecifráveis, o que causam uma atenção maior na busca de sua apropriação. O rito continua: fotografar o mesmo objeto em determinada hora do dia, a intervalos de tempos regulares. O resultado da série é instigante, a apreensão é diferente, mais suave, é um objeto que se transmuta em diferentes cores, na verdade, ele nem existe, é só uma sombra de seu verdadeiro dono. Mas que imagem bonita! A visibilidade dessas obras estende-se para além de seus limites, assim como a ordem espaço temporal também se estende, mas sem perder o seu significado. Cada linha construída (vertical ou horizontal) nunca será a mesma, ela nunca retorna ao mesmo lugar, os fatos recursivos dentro da obra são, a cada linha, diferentes e têm a sua própria identidade. São pequenos retângulos e cada um deles tem uma cor diferente, sutilmente captada no todo. São as variações, as diferenças causadas pelo ato de repetir. Esse poderá ser um caminho diferente apontando nessas duas séries novos rumos para o olhar. O percurso de oito anos, ao renovar-se, apresenta encruzilhadas, escolhas, novas ações e novas visibilidades; contudo, este inquieto artista tira sempre lições, aprendizados e questionamentos e passa isso adiante. A cidade e as cercanias de sua casa são os sítios que permitem avançar, os motivos estão espalhados em qualquer lugar, basta estar atento para recortar realidades e dar a elas outro sentido, repertório não faltará para quem desafia o tempo.

O derradeiro trabalho de Leandro Selister foi uma verdadeira provocação. Determinado a encerrar essa fase de oito anos, ele ganha uma rosa e o desenrolar dessa história faz o nosso poeta retornar a sua máquina. O eterno retorno... o recomeço... ironicamente é uma flor novamente, a natureza em seu tempo próprio, tudo começa com uma flor e tudo prossegue com uma flor, que fez verdadeiros milagres para chamar a atenção. Diz o artista: “Acho que só posso fazer essa série da rosa, porque aprendi, lá atrás, que vale a pena esperar, ter paciência, respeitar o tempo da vida, o nosso próprio tempo. Só tenho essa paciência, porque aprendi isso com esses anos todos, e o ato de cuidar de uma planta é cuidar de mim mesmo.” Bem, se o acaso coloca em seu caminho um novo desafio, cabe ao artista aceitar essa tarefa. Será que foi o acaso? O tempo dirá!

Lá no começo de tudo, em sua primeira série, Selister foi o primeiro prêmio no Salão de UNAMA de Pequenos Formatos, em 2003. Já era previsto que sua trajetória seria de sucesso, segundo as palavras do Reitor da Universidade da Amazônia, Édson Franco, que escreveu na apresentação do Catálogo:

[...] A proposta do IX Salão UNAMA de Pequenos Formatos alcançou o país e, de forma definitiva, integrou a instituição a um calendário artístico de abrangência nacional. Dizer isso, apoiado numa vontade de que, efetivamente, fosse verdade, é uma coisa. Mas fazer essa afirmativa, tendo diante dos olhos o belíssimo trabalho de Leandro Selister, um fotógrafo que, do Rio Grande do Sul, arrebatou o primeiro prêmio da mostra, com uma espetacular sequência em que registrou a trajetória de vida de uma flor, é reconhecer que acertamos ao apostar no vigor de uma proposta que, de ano para ano, se renova. (FRANCO, 2003, s/p.)

No mesmo catálogo, as observações de Angélica de Moraes consolidaram o trabalho e despertaram em Selister o desejo de confirmar a sua poesia pela passagem do tempo.

[...] O prêmio principal foi para o gaúcho Leandro Selister, que inseriu de modo criativo a noção de tempo em suas fotografias. Tomando como ferramenta um recurso banal presente mesmo nas câmeras amadoras (os números datadores), Selister armou

um discurso poético tocante sobre o instante e o efêmero. Na mesma medida, estabeleceu uma ponte da foto com o vídeo e o cinema, meios em que a passagem do tempo é condição essencial. Um “quase-cinema”, como diriam Hélio Oiticica e Neville D’ Almeida. (MORAIS, 2003)

A arte contemporânea hibridiza modalidades e categorias artísticas em diálogos com o cinema, o teatro, o design, a dança, a moda e em outras áreas do conhecimento utilizando novos materiais, suportes e tecnologias eletrônicas, e os artistas se dedicam a realizar seus trabalhos em questões muito pessoais, muitas vezes, autorreferenciando-se. A tecnologia domina, e os vídeos e as fotografias, juntamente com as instalações, são as grandes vedetes das exposições. É a arte em confronto direto com a vida. A arte apresenta-se de maneira plural, fragmentada, heterogênea, interativa e transitória. Em todo esse contexto, temos um artista especial que detém seu olhar nas pequenas coisas e nos seres a sua volta, percebendo-os e dando-nos, de presente, em magníficas narrativas, os instantes de suas curtas vidas, apontando fragilidades e, mais ainda, tentando parar o tempo, e, nessa urgência se comove e emociona a quem dele se aproxima. Na sua simplicidade, sem grandes alardes como lhe é peculiar, o que importa é o caminho e o aprendizado. A lição que Selister nos deixa com este livro é um ato de amor de quem aprendeu a olhar a vida em pequenos momentos através das pequenas coisas.

* * Ana Zavadil é Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, RS, Curadora Independente e Crítica de Arte.

Referências

CASTRO, Claudia Maria de. *Deleuze, Hölderlin, e a Censura do Tempo*. Disponível em <http://www.oquenosfazpensar.com/adm/uploads/artigo/deleuze,_holderlin,_e_a_censura_do_tempo/artigos145160.pdf>, Acesso em julho, 2011.

- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DIDI-HUBERMANN, Georges. *O Que Vemos o Que Nos Olha*. ED.34, 1998.
- FRANCO, Édson. Catálogo do *IX Salão UNAMA de Pequenos Formatos*, Faculdade da Amazônia, Belém do Pará, PA, 2003
- MENDES, Paula Marchesini de Souza. *Borges, Deleuze e o Tempo*. Disponível em: http://www.maxwell.lambda.ele.puc.rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=9899@1> Acesso em julho, 2011.
- MORAIS, Angélica de. Catálogo do *IX Salão UNAMA de Pequenos Formatos*, Faculdade da Amazônia, Belém do Pará, PA, 2003.
- PELBART, Peter Pál. *A Nau do Tempo-Rei: Sete Ensaio Sobre o Tempo da Loucura*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- VALÉRY, Paul. *Degas Dança Desenho*. São Paulo: Cosac & Naify , Edições, 2003.